

Diálogos



PENSANDO O CONCEITO DE ALTERIDADE HOJE

Entrevista concedida por Janet M. Paterson a Sandra Regina Goulart Almeida

Janet M. Paterson, professora do Departamento de Estudos Franceses da Universidade de Toronto, Canadá, desenvolve pesquisa sobre o conceito de alteridade na literatura contemporânea, e é autora de *Figures de l'Autre dans le roman québécois*, publicado em 2004. Coordena o projeto *A alteridade no romance quebequense*,¹ que, além de congrega pesquisadores sobre o tema, fornece um extenso banco de dados sobre as figuras de alteridade na literatura quebequense. Esta entrevista foi realizada na Universidade de Toronto, em março de 2008.

Aletria – *Você poderia falar um pouco de sua pesquisa sobre as figuras da alteridade? Como começou e quais foram suas principais motivações? Qual a metodologia adotada?*

Paterson – Em termos pessoais, tenho tido interesse na questão da alteridade por um longo tempo. Minha família emigrou da Europa para Montreal, quando eu tinha seis anos, por razões políticas. Nós moramos em um bairro de vizinhança bastante homogênea, formada por franco-canadenses, onde havia poucos imigrantes. Sempre tive consciência do fato de meus pais serem “diferentes” e serem percebidos como tais. Eles falavam com sotaque, comiam alimentos pouco comuns e realmente não pertenciam ao ambiente de classe média francófona. Na verdade, foi uma experiência muito difícil, pois eles deixaram para trás suas famílias e uma excelente posição social. Minha própria experiência não foi tão desagradável, mas troquei rapidamente meu nome para o francês (troquei-o novamente quando nos mudamos para Toronto) e tentava, de todas as formas, me misturar. Entretanto, o que estava muito claro para mim era o fato de as famílias franco-canadenses terem valores e costumes diferentes dos meus. Achei isso extremamente fascinante.

Vários anos depois, essa fascinação iria provocar uma série de questionamentos. Por que algumas pessoas são consideradas diferentes de outras? Por que os critérios de raça, nacionalidade e religião são tão importantes em algumas sociedades? Por que algumas diferenças são aceitas pela sociedade e outras não? O que, de fato, significa outridade? Essas reflexões culminaram com o projeto de um livro que tinha vários objetivos correlatos: primeiramente uma discussão e elucidação do conceito de alteridade na literatura. Uma vez definido o arcabouço teórico e conceitual, escolhi como *corpus* a literatura do Quebec de 1846 a 1999. Tornou-se necessário, então, identificar as principais figuras de alteridade no romance do Quebec. Felizmente, eu tinha um

¹ Disponível em: <<http://www.chass.utoronto.ca/french/alterite/index.html>>. Acesso em: 21 maio 2008.

excelente grupo de pesquisa para executar essa tarefa, que identificou como outros mais de trezentos personagens principais.

Para desenvolver a análise de romances específicos, havia muitas questões sobre as quais refletir e pouco material crítico sobre o tema. Ao ler um romance, como sabemos que um personagem é um outro? Existem estratégias textuais ou características que distinguem esses personagens? Com o passar dos anos, mudam as figuras de alteridade de uma determinada literatura? Em caso afirmativo, essas mudanças estão associadas a fenômenos socioculturais? A outridade de um personagem carrega significados simbólicos ou metafóricos?

Aletria – *Vários críticos, tais como Lacan, Derrida, Levinas, Deleuze, Lévi-Strauss, Bhabha e Spivak, têm discutido a questão da alteridade e as implicações das teorizações baseadas nas percepções do outro. Quais são as bases teóricas de sua pesquisa sobre figurações da alteridade?*

Paterson – Você está correta ao afirmar que a alteridade é discutida em várias disciplinas sob perspectivas muito diferentes. Tive que encontrar bases teóricas que me permitissem alcançar meus objetivos. O trabalho do sociosemióticista francês Eric Landowski forneceu o arcabouço conceitual de meu livro. Em *Présences de l'Autre: essais de socio-sémiotique* (Paris: Presses Universitaires de France, 1997), Landowski estuda casos reais de alteridade em Paris, tais como os moradores de rua ou os artistas da região do Centre Pompidou. Isso lhe permitiu elaborar uma metodologia extremamente requintada e precisa, que me pareceu muito útil. Mencionei alguns de seus principais conceitos: a distinção entre diferença e alteridade (distinção que permite a Landowski conceituar alteridade); a necessidade de um grupo de referência (um grupo social dominante) para a existência de qualquer forma de alteridade; e a complexidade dos vários tipos de relações estabelecidas com o outro. Acima de tudo, eu era continuamente lembrada de que na literatura, assim como na sociedade, a alteridade é sempre uma construção.

Na análise de romances distintos, utilizei a narratologia e a semiótica para discutir conceitos tais como voz narrativa, tempo, espaço e seus impactos na criação da alteridade.

Além de Todorov e Kristeva, também me inspiraram os críticos de Quebec que trabalham com literatura de imigrantes: Simon Harel, Sherry Simon e Pierre Ouellet são pioneiros nessa área.

Aletria – *Por que é importante discutir, nos dias de hoje, a noção de alteridade e os discursos do outro? O que significa pensar sobre esse tema e discutir alteridades no contexto transnacional e global da atualidade?*

Paterson – Para responder a sua pergunta tenho, por um lado, que estabelecer uma conexão entre o pós-modernismo e os atuais discursos sobre o outro (publiquei um livro sobre pós-modernismo intitulado *Moments postmodernes dans le roman québécois*. Ottawa: Les Presses de l'Université d'Ottawa, 1993). Não há dúvidas: o pensamento pós-moderno tem nos tornado mais sensíveis às

diferenças, às representações das vozes marginais e à importância da heterogeneidade. Houve uma enorme mudança sobre o que é comumente considerado o centro e as margens. As narrativas mestras, conforme designação de Lyotard, estão desacreditadas.

Por outro lado, gostaria de enfatizar o impacto significativo das grandes ondas de imigração (em especial decorrentes da Ásia, da África e da Índia) que ocorreram desde os anos 70 em alguns países, particularmente no Canadá. Por exemplo, na Universidade de Toronto, onde leciono, mais da metade de nossos alunos não têm o inglês como primeira língua; mais da metade deles pertencem a famílias que não nasceram no Canadá. Em minha experiência como professora, presenciei essas mudanças. Nesse contexto, torna-se imperativo refletir sobre a outridade. O próprio significado de outridade começa a mudar na medida em que a oposição binária “nós” e “eles” é lenta, mas peremptoriamente desmantelada. Torna-se, portanto, imperativo que nós redefinamos a noção de identidade e de alteridade no atual contexto transnacional.

Aletria – *Em um artigo recente, você discutiu a importância do estabelecimento de um “pensamento da alteridade” (“thinking of alterity”). Como você definiria esse conceito?*

Paterson – “Thinking of alterity” é a tradução de “une pensée de l’altérité”. Certamente o termo é mais claro e evocativo em francês do que em inglês. Trata-se de um modo de pensar que incorpora a alteridade à nossa consciência de uma maneira fundamental. Estou usando um conceito discutido por Pierre Ouellet em *Regards croisés sur le métissage* (Québec: Les Presses de l’Université Laval, 2002, p. 39-57). Ouellet demonstra, de forma convincente, que, no atual contexto transnacional, as sociedades ocidentais têm que refletir profundamente e reconsiderar suas posições sobre a alteridade. Essas sociedades precisam estar preparadas para uma “alteração” de seus modos de pensamento sobre questões, tais como raça, nação, gênero e identidade.

Quando discutimos o outro, freqüentemente focalizamos formas diferentes de alteridade como se elas estivessem separadas de nossa consciência e identidade. Entretanto, alteridade implica um processo cognitivo (e, muitas vezes, ideológico) que se manifesta dentro do sujeito e conseqüentemente dentro da sociedade. Visto que a alteridade está na raiz das guerras, do racismo e da discriminação, é imperativo que ela seja reconceitualizada.

Aletria – *Como as alteridades se manifestam em várias línguas, diferentes espaços culturais e, acima de tudo, em períodos de tempo distintos?*

Paterson – Essa questão poderia ser a base de uma maravilhosa conferência. De modo geral, sei que as figuras de alteridade na literatura da Europa Oriental freqüentemente adquirem a forma de um cigano. É interessante notar que não há um único personagem principal representado por um cigano no romance de Quebec. Por outro lado, disseram-me que, na Nova Zelândia, o outro é, na maioria das vezes, representado por um Maori. Isso é muito revelador, pois

na literatura de Quebec os aborígenes e os *Métis* formam as maiores categorias de alteridade. Há, portanto, uma ligação clara entre essas duas sociedades que foram colonizadas e tinham assentamentos indígenas.

Em relação aos períodos de tempo distintos, fiquei impressionada com o fato de que o outro, no romance do Quebec, torna-se o sujeito do discurso (usando a voz narrativa em primeira pessoa) apenas em 1980: “Eu sou um estrangeiro”, “Eu sou deficiente físico”, “Eu sou um *Métis*” são as novas maneiras de se inscrever a outridade em um discurso. Antes de 1980, o outro era o objeto do discurso (descrito por um narrador). Essa nova forma de representação da alteridade é muito significativa, pois dá voz às figuras marginalizadas. Isso está claramente relacionado ao contexto pós-moderno ao qual me referi anteriormente.

Aletria – *De que modo a noção de alteridade está intrinsecamente associada à noção de identidade e, inversamente, à noção de diferença?*

Paterson – Alteridade e identidade são inseparáveis. Entretanto, essa relação depende da distinção entre diferença e alteridade. A diferença é inerente aos nossos processos cognitivos, pois nos permite distinguir entre dia e noite, guerra e paz, baixo e alto e quente e frio. Há muitos contextos nos quais uma pessoa é diferente da norma (raça, gênero, religião, identidade sexual, características físicas, etc.). Porém, como explica Landowski, o que está em jogo não é a diferença. Ou seja, é a atribuição de características (ou marcas) semânticas à diferença que produz alteridade. Usarei um exemplo mencionado em meu livro para ilustrar essa idéia. Em uma tribo aborígine dos Estados Unidos, bebês albinos, considerados defeituosos e incapazes de sobreviver, são afogados após o nascimento. Em uma outra tribo desse mesmo país, os albinos são considerados descendentes de um deus. Eles são extremamente bem tratados e possuem um *status* especial durante toda a vida. Não se pode negar o fato de os albinos serem diferentes da norma; porém, em ambos os casos, é o valor atribuído a essa diferença que produz a alteridade. Deixe-me mencionar um outro exemplo mais comum. Declarar que a mulher é diferente do homem é um fato inconseqüente, ou seja, podemos simplesmente dizer também que o homem é diferente da mulher. No entanto, afirmar que a mulher é inferior ao homem e, sendo assim, que não precisa ser educada (como acontece em vários países) é exatamente o processo que Landowski chama de construção da alteridade. É desnecessário dizer que essa construção é arbitrária e reflete a ideologia e o desejo de poder de um grupo dominante.

O importante é compreender que o que está em jogo não é a diferença. Nós habitamos um mundo cheio de diferenças. A questão é a forma pela qual interpretamos e lidamos com todas essas diferenças. Daí a necessidade de refletir e reconsiderar o conceito de alteridade. Em última análise, nossa esperança de um mundo melhor reside no respeito por todas as diferenças, e na capacidade renovada de se reconfigurar a questão da identidade.

Aletria – *Como podemos refletir sobre o outro e, ao mesmo tempo, evitar a armadilha dos essencialismos e estereótipos (ver Bhabha): termos que são naturalmente associados à nossa percepção do outro e que, simultaneamente, apontam para nossa própria incapacidade de percepção?*

Paterson – Quando compreendemos que essencialismos e estereótipos são construções (detestáveis, diga-se de passagem), toda nossa forma de pensamento é alterada. Isso porque, voltando a uma de suas perguntas anteriores, precisamos desenvolver um “pensamento da alteridade”. Os recentes discursos transnacionais sobre essa questão são extremamente úteis, ao nos lembrarem que qualquer identidade é complexa e multifacetada. Pensar em alguém apenas como negro, branco, brasileiro, canadense, aborígine e deficiente físico é, inquestionavelmente, bastante reducionista. Há inúmeros outros fatores embutidos na identidade de uma pessoa, tais como, educação, classe social, situação familiar e saúde. Portanto, quando pensamos sobre o outro, temos de lembrar que ele/ela é diferente de nós (assim como somos diferentes dele/dela) e que a identidade dele/dela não está associada apenas a fatores de idade, raça, nacionalidade ou religião. Além disso, como afirma Landowski, o outro é uma figura de nós mesmos.

Aletria – *De que maneira a noção de alteridade nos ajuda a refletir sobre uma ética do “estar” com o outro – questão importante no nosso mundo contemporâneo globalizado?*

Paterson – Paradoxicalmente, precisamos pensar sobre o outro a fim de dismantlar a oposição entre nós/eles ou eu/outro. Essa distinção, como mostra Kristeva em *Étrangers à nous-mêmes* (Paris: Fayard, 1988), está profundamente entranhada no ser humano. Nós vivemos em um mundo no qual devemos tentar transcender essa distinção enquanto respeitamos as diferenças das pessoas. Nossa sociedade pós-moderna demanda respeito pela heterogeneidade e pela diferença. A posição ética resultante dessa situação implica um questionamento de nossa relação com o outro. Implica uma transformação de nossa subjetividade, a qual começa com o confronto entre diferença e alteridade.

Aletria – *Seguindo o exemplo do projeto que você coordena, qual conexão pode ser estabelecida, nos dias de hoje, entre a noção de alteridade e a literatura? Qual é a importância da literatura para a expressão dos diferentes modos de alteridades? Qual é o lugar das alteridades nos estudos literários da atualidade?*

Paterson – Você levantou outro excelente tópico para uma conferência. Como tenho descoberto em minhas pesquisas sobre alteridade, a literatura é um espaço privilegiado para a expressão da outridade. Muito mais do que outras disciplinas, tais como a Música, as Artes Visuais, a Filosofia, e até mesmo a História, é a Literatura que pode representar a questão da alteridade de maneira simbólica e complexa. Por razões práticas, meu projeto focalizou

apenas personagens principais representados como outros. Porém, muitos são os romances que possuem outras figuras de alteridade, ou seja, empregados, idosos, indigentes, órfãos, etc. Na verdade, eu me pergunto se, de alguma forma, a literatura não é, por definição, uma exploração da diferença e da outridade.

Aletria – *Nesse sentido, como você chegou à divisão das figurações da alteridade em seis categorias, ou seja, “raça e nacionalidade”, “estranho”, “identidade sexual”, “religião”, “saúde mental” e “diversos”?*

Paterson – As categorias surgiram como consequência das análises dos romances. Isso é muito importante porque, caso contrário, o projeto teria simplesmente reforçado os estereótipos. Quando meus pesquisadores assistentes encontravam um personagem principal que era um outro, eles identificavam a fonte dessa outridade. Assim, por exemplo, no famoso romance de Anne Hébert, *Kamouraska*, o Dr. Nelson é considerado um outro pelos habitantes de Sore (cidade de Quebec) por ser americano e protestante. Aurélie, uma empregada do mesmo romance, também é um outro por causa de sua origem *Métis*. Suponho que em outras literaturas algumas dessas categorias sejam diferentes, apesar de religião e raça serem absolutamente essenciais para o estabelecimento da outridade.

Aletria – *Em um influente artigo publicado em 1989, intitulado “Quem reivindica a alteridade?”, Gayatri Spivak argumenta que é através do projeto de reconstrução da história ou da criação de histórias alternativas que nós conseguiremos sustentar “vozes sempre mutantes sob uma perspectiva alternativa”. Segundo Spivak, só poderemos entender a alteridade, hoje em dia, ao aprendermos a ouvir essas vozes e desaprendermos “os privilégios da elite pós-colonial num mundo neocolonial”. Você poderia comentar essa visão da alteridade?*

Paterson – Seria difícil discordar do ponto de vista de Spivak. Contudo, eu diria que as “vozes alternativas” estão se tornando mais sonoras e freqüentes na literatura, especialmente no Canadá. Muitos de nossos principais escritores, que vieram para o Canadá de outros países, tais como Michael Ondaatje, Neil Bissoondath, Abla Farhoud, Ying Chen e Régine Robin, estão falando a partir das “bordas” e atraindo uma grande quantidade de atenção do público e da crítica. Entretanto, não são apenas esses discursos alternativos que estão ganhando terreno. Por exemplo, os estudos aborígenes, assim como os estudos sobre diversidade sexual, são campos de pesquisa em expansão. Na Universidade de Toronto, temos programas importantes nessas duas áreas. Assim, parece-me impossível generalizar o enunciado de Spivak. Temos que considerar as práticas locais, já que, em alguns países, as “vozes alternativas” não conseguem ser ouvidas.

Aletria – *Ainda pensando no artigo de Spivak, como podemos perceber, nesses quase vinte anos, mudanças em nossa visão das alteridades?*

Paterson – Mais uma vez, gostaria de chamar a atenção para o perigo das generalizações ao pensarmos sobre o artigo de Spivak. Enquanto testemunhamos as mudanças bastante reais e importantes da globalização e do transnacionalismo, podemos perceber também o surgimento de estados-nação e de guerras provocadas pela religião. Certamente, a perspectiva sobre as “identidades alternativas” mudou significativamente em muitos países nos últimos vinte anos. A literatura contemporânea é testemunha dessas mudanças. Suas perguntas argutas também refletem essas mudanças. Podemos, portanto, ter esperança de que essas mudanças, referentes ao nosso próprio pensamento sobre identidade e alteridade e, conseqüentemente, às nossas práticas sociais, tornem-se, um dia, verdadeiramente globais.



Tradução de Alcione da Cunha Silveira